

"O *Calepino* em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo", in *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXIII, 1999-2000, p.125-149.

O *Calepino* em Portugal - a obra lexicográfica de Amaro Reboredo

O *Dictionarium* de Ambrósio Calepino na lexicografia portuguesa

O *Dictionarium* de Ambrósio Calepino teve edição "princeps" em Reggio em 1502 e foi sendo objecto de sucessivas reedições e ampliações ao longo dos sécs. XVI, XVII e XVIII.¹ Recebeu a colaboração dos mais eruditos humanistas, e suscitou uma dispendiosa mobilização tipográfica entre os prelos mais qualificados da Europa.² É um dos textos instituidores da lexicografia moderna, juntamente com as obras de Nebrija (Salamanca 1492 e 1495)³ e de Robert Estienne (Paris 1531)⁴ A lexicografia bilingue e monolingue dos vernáculos europeus desenvolveu-se a partir destes dicionários, aproveitando-os para o agenciamento e ordenação alfabética das respectivas nomenclaturas, e adoptando os seus recursos metalexigráficos, desde as soluções técnicas para a disposição tipográfica, até à elaboração dos artigos, as definições, as citações, etc.

Retomando e alargando as fontes de referência da *Cornucopiae siue linguae latinae commentarii* de Nicolau Perotto, (publicada pela primeira vez em Veneza, 1489), o *Dictionarium* de Ambrósio Calepino deu origem à lexicografia autorizada, em que se textualiza a informação lexicográfica, recorrendo às explicações e à citação dos bons autores, nomeadamente Cícero, Tito Lívio, Horácio, Virgílio, etc.

¹ Cf. ALBERT LABARRE, *Bibliographie du Dictionarium d'Ambrogio Calepinuo (1502-1779)*, Baden-Baden, Editions Valentin Koerner, 1975, identifica 211 edições.

² As reedições do *Calepino* da segunda metade do séc. XVI tornam-se extremamente volumosas, algumas aproximam-se das 1.300 páginas "in-folio", densamente preenchidas com caracteres romanos e itálicos de corpo 8 ou menores. Trata-se de empreendimentos monumentais que supõem uma importante validação económica. Estes dicionários eram justificadamente apetecidos porque ofereciam um acesso fácil a quase todo o saber prestigiado daquele tempo.

³ *Lexicon* (latim - espanhol), publicado em edição facsimilada: *Diccionario Latino-Español de Elio Antonio de Nebrija, Salamanca, 1942*, com "estudio preliminar" de Germán Colón y Amadeu-J. Soberanas, Barcelona 1979.

Vocabulario (espanol latim), publicado em edição facsimilada: *Vocabulario español-latino de Elio Antonio de Nebrija, Salamanca, 1945?*, Madrid, 1951, repr. 1989.

⁴ ROBERT-ESTIENNE, *Dictionarium seu Latinae linguae Thesaurus*. Non singulas modo dictiones continens, sed integras quoque Latine et loquendi, et scribendi formulas ex optimis quibusque authoribus accuratissime collectas. Cum Gallica fere interpretatione. Parisiis ex officina Roberti Stephani, 1531.

As duas reedições publicadas ainda em vida do autor (1536 e 1543) foram amplamente melhoradas com a simplificação e aperfeiçoamento das definições e descrições metalexigráficas, e com alargamento das citações e dos autores clássicos do património literário latino. A partir da ed. de 1543 retiram-se as formas da equivalência em francês e o *Thesaurus* passa a ser exclusivamente monolingue.

Trata-se de um dicionário essencialmente monolíngue, um grande dicionário da língua latina e da escrita patrimonial latina, sendo também em latim toda a sua estruturação metalexical. Entretanto, logo a partir dos meados do século XVI, os editores começaram a acrescentar, no início dos artigos, uma indicação de equivalências plurilíngues, uma indicação muito sumária, limitada à transcrição de uma unidade lexicográfica para cada uma das línguas acrescentadas. O *Calepino* passou a ser, deste modo, um dicionário poliglota e, não obstante a sobriedade lexical, no que respeita à informação interlinguística, tornou-se um dos instrumentos mais importantes da consciência plurilíngue europeia e um factor de transformação do pensamento sobre as grandes questões da origem das línguas, da sua hierarquização e das suas relações diacrónicas.

O percurso poliglota do *Calepino* terá começado na edição de Antuérpia de 1545, em que ao latim se acrescentou o grego, o alemão, o flamengo e o francês. Pela mesma altura, ou logo em seguida, saíu em Veneza uma edição com o grego e o italiano. Segue-se depois um percurso de aditamentos plurilíngues em que se confrontam as mais importantes línguas modernas europeias: italiano, espanhol, francês, alemão, inglês, flamengo, polaco e húngaro, além do latim, do grego e do hebraico, numa sequência que pode ser observada de maneira muito esquemática, no quadro seguinte:

QUADRO

1545 - Antuérpia	Lat. Greg. Alem. Flam. Fran.
1545/6 - Veneza	Lat. Greg. Ital.
1559 - Lião	Lat. Greg. Ital. Esp.
1565 - Lião	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran.
1568 - Basileia	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem.
1570 - Lião	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem. Hebr.
1570 - Basileia	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem. Flam.
1584 - Basileia	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem. Hebr. Flam.
1585 - Lião	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem. Hebr. Ingl. Pol. Hung.
1590 - Basileia	Lat. Greg. Ital. Esp. Fran. Alem. Hebr. Flam. Ingl. Pol. Hung.
1595 - Amacusa	Lat. Port. Japon.
1621 - Lisboa	Lat. Port. Esp.

Neste grande convívio interlinguístico europeu, até ao final do séc. XVI e, mesmo nas edições mais políglotas, escasseia o português. Será necessário percorrer todas as distâncias do mar até às paragens remotas do Japão, para a língua portuguesa poder ser inscrita no grémio de idiomas reunidos no grande dicionário plurilíngue. E no entanto, em Portugal, tanto ou mais do que em qualquer outro país europeu, o *Calepino* foi um dos dicionários mais assiduamente utilizados. De maneira muito sucinta,

elaborámos já um quadro da recepção do *Calepino* em Portugal ¹. No conjunto dessa amplíssima recepção destacaremos três aspectos correspondentes a diferenciados níveis de leitura e de interação linguística e lexicográfica.

A repercussão e a influência mais ampla do *Calepino*, no ambiente linguístico e cultural português, realizou-se, em primeiro lugar, pela sua difusão entre o público latinizado em geral e muito especialmente entre os humanistas. São numerosos, a este propósito, os testemunhos da sua utilização, bastará lembrar as citações emblemáticas de André de Resende,² de Manuel de Faria e Sousa,³ ou a referência do P. António Vieira no famoso sermão da *Sexagesima* ⁴. Acrescentaremos também as alusões e listas bibliográficas avulsas das bibliotecas dos espólios conventuais ou de humanistas e estudiosos dos sécs. XVI, XVII e XVIII. Encontram-se também referências abundantes em gramáticas latinas (como a de Luís António Vernei ⁵) e outros textos didáticos publicados em Portugal até ao séc. XIX. Vicente Gomes de Moura recenseia-o em meia página, anotando que se trata de um "Diccionario dos mais usuas da Europa", e acrescentando ainda: "He Diccionario *universal*, e mui proprio para o estudo de Latim, mais para as pessoas adiantadas, que para os principiantes: de *Calepino* seu A. conserva pouco mais que o nome" (p.309).⁶ Por outro lado, guardam-se ainda hoje, nos depósitos bibliográficos portugueses, muitas dezenas de exemplares de edições provenientes dos vários centros tipográficos europeus. Pela minha parte, sem presunção de bibliófilo, tive oportunidade de adquirir, em alfarrabistas portugueses, exemplares de quatro edições (Lião 1559; Lovaina 1572; Lião 1681, Pádua, 1779).

Em segundo lugar, a influência do *Calepino* manifestou-se nos dicionários portugueses que o utilizaram e o citaram como fonte de referência, especialmente nos dois dicionários (de Jerónimo Cardoso e de Bento Pereira) que serviram de suporte para a escolarização do latim, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Jerónimo Cardoso ⁷ utilizou o *Calepino* como fonte para o seu *Dictionarium*

¹ TELMO VERDELHO, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro, INIC, 1995, p.342-345.

² L. Andr. Resendii pro sanctis Christi Martyribus Vincentio Olisiponensi patrono, Vincentio, Sabina, & Christhetide, Eborensibus ciuibus, & ab quaedam alia responsio. Ad Bartholomaeum Kebedium, sanctae Toletanae ecclesiae sacerdotem, virum doctissimum. Olisipone, Franciscus Garcio, 1567, fol. 20v.

³ *Lusiadas de Luis de Camoens*, Comentadas por Manuel de Faria e Sousa, Madrid, Juan Sanchez, 1639, vol.I, t. I e II e vol. II, t. III e IV (repr. facsímil, 1972). O nome de *Calepino* vem citado na "Tabla de los autores", t.IV, col.666, e entre outros lugares na col.640 do mesmo tomo.

⁴ *Sermões do P. António Vieira*. Primeira parte, Lisboa, Oficina de João da Costa. Trata-se de uma referência que supõe uma interpretação metonímica: "He possível que somos Portuguezes, & havemos de ouvir hum prégador em Portuguez, & não havemos de entender o que diz? Assi como ha Lexicon para o Grego, & *Calepino* para o Latim, assi he necessario haver hum vocabulário do pulpito." col. 43.

⁵ [Luís António Vernei] *Gramatica Latina tratada por um metodo novo, claro e fácil*, Barcelona, 1758, p.XIV e 265.

⁶ Vicente Gomes de Moura, *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1823.

⁷ V.: PAUL TEYSSIER, *Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise*. In: *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, tomo 41, 1980, p.7-32.

Latinolusitanicum (Coimbra, 1569-70) ainda que de modo não predominante, mas com aproveitamento directo, especialmente nas entradas correspondentes à terminologia da retórica e da poética e ao vocabulário metalinguístico em geral.¹ J. Cardoso não cita as fontes lexicográficas, mas o nome de Calepino vem incluído numa *Lista & Catalogo de Autores Selectos que compuzeram Dictionarios, & outros muito illustres na lingua Latina & em noticias estudiosas* que foi acrescentada como página final, numa das últimas edições (Lisboa, Domingos Carneiro, 1694). Bento Pereira² refere expressamente o *Calepino* no "Auctoris prologus" e, além disso, cita-o assiduamente confirmando a sua importância preponderante para a elaboração da *Prosódia*..

Finalmente, o *Calepino* foi tomado como fonte directa e exclusiva para a elaboração de dois dicionários trilingues em que participa o português. A saber: o dicionário de latim - português- japonês, (elaborado pelos Jesuítas, e publicado em Amacusa, em 1595),³ e um dicionário de latim - português - espanhol, publicado em Lisboa, por Amaro de Reboredo, em 1621.

O *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* foi já objecto de referência e de breve análise em trabalho anterior⁴, vamos, por isso, limitar a nossa observação à obra de Amaro Roboredo, que tem permanecido praticamente ignorada em toda a bibliografia que até ao momento se publicou, referente à lexicografia portuguesa e ao *Calepino*.

Esta pouco conhecida versão trilingue do Calepino integra-se num conjunto bibliográfico, (destinado ao ensino do latim, e do português e espanhol para os estrangeiros), composto por três obras diferentes, entre as quais se destaca o título bem significativo de *Ianua linguarum* ou, em português, *Porta de línguas*. Na sua origem, a *Ianua linguarum* foi compilada pelos Jesuítas irlandeses, sob a direcção de William Bathe (1564-1614) e publicada em Salamanca em 1611.⁵ Amaro Reboredo⁶

¹ CF. TELMO VERDELHO, *Op. Cit.*, P.344.

² V. TELMO VERDELHO, *Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira*. In: *Actas - XXe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, (Zurique, 1992), tomo IV, Section VI, p.776-785.

³ *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptu: in quo omissis nominibus proprijs tam locorum, quam hominum, ac quibusdam alijs minus vsitatis, omnes vocabulorum significationes, elegantioresque dicendi modi apponuntur: in vsum & gratiam Iaponicae iuuentutis, quae Latino idiomati operam nauat, necnon Europeorum, qui Iaponicum sermonem addiscunt*. In Amacusa in collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum facultate Superiorum. Anno MDXCV.

⁴ TELMO VERDELHO, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro, INIC, 1995, p.450-458.

⁵ Cf. SEAN F. O'MAHONY, *The preface to William Bathe's Ianua Linguarum (1611)*. In *Historiographia Linguistica*, VIII, 1, 1981, p.131-164.

⁶ Da notícia biográfica muito lacunar deste autor, sabemos que nasceu na Vila de Algoz em trás-os-Montes, certamente pelo último quartel do séc. XVI, deve ter estudado em Salamanca, sob o patrocínio de D. Diogo de Sousa, que foi Bispo de Miranda entre 1599 e 1608 e que o nomeou seu secretário por ocasião da transferência para o bispado de Évora. O Bispo faleceu em 1610 e Amaro Roboredo desempenhou depois uma preenchida carreira de eclesiástico e de pedagogo até meados do século, passando pela Vila de Arruda, por Lisboa e, provavelmente por

traduziu-a para o português, adaptou-a, acrescentou-lhe uma gramática e um dicionário, e publicou-a distribuindo-a por três momentos tipográficos em 1619, 1621 e 1623, assim constituídos:

1. 1619 — *Methodo grammatical para todas as linguas*, Lisboa, Pedro Craesbeeck.

"Consta de tres partes.

1. GRAMMATICA exemplificada na Portuguesa & Latina.

2. COPIA DE PALAVRAS exemplificada nas Latinas, artificio experimentado para entender Latim em poucos meses.

3. FRASE exemplificada na Latina, em que se exercitão as syntaxes ordinarias, & collocação rhetorica" .

A gramática prolonga-se até à pág.78.

A "cópia de palavras" compõe-se de 1141 sentenças e vai até à pág. 181, corresponde à obra original de William Bathe.¹

A exercitação sintáctica e retórica preenche a última parte e é também exemplificada com 187 frases em latim e em português.

2. 1621 — *Raizes da Lingua Latina*

Mostradas em hum tratado e dictionario: Isto he, hum compendio do Calepino, Lisboa, Pedro Craesbeeck.

Inicia-se o volume com a "Copoziçam, derivação e ortografia das vozes latinas". Na pág. 35 começa e prolonga-se até à página 442, o:

Compendium Calepini, vel potius Thesauri Linguae Latinae cum interpretatione Lusitanica, & Hispanica omissis vocabulis quae rarius in usum vocantur.

3. 1623 — *Porta de Linguas ou modo muito acomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola.*

Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe, com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola.

O terceiro volume retoma as doze centúrias de sentenças da COPIA DE PALAVRAS elaboradas por William Bathe, publicadas no primeiro volume (1619), com o acrescento das traduções portuguesa e espanhola das ditas sentenças.

Para a história da lexicografia portuguesa, interessa-nos, por agora, neste conjunto bibliográfico, o vol. II, publicado em 1621 e especialmente o compêndio do *Calepino*. Trata-se do segundo dicionário de latim-português publicado em Portugal e do primeiro dicionário em que se emparceira o português e o castelhano.

Pode depreender-se do ampliado título do último volume, que o autor, alargando o âmbito da solicitação pública, procurou corresponder a dois objectivos bem diferenciados.

Viseu. É autor de uma bibliografia considerável, com particular incidência nos domínios da reflexão gramatical e linguística em geral. O bibliógrafo João Soares de Brito designa-o "Grammaticus non contemnendus" e José Vicente Gomes de Moura dedica-lhe uma recensão rasgadamente elogiosa a ps.352-354 da *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1823.

¹ Na versão trilingue da *Ianua Linguarum* Roboredo completa o número de sentenças de modo a perfazer as 1200.

O primeiro desses objectivos era o ensino da língua latina, ao qual concorria com uma anunciada vantagem de eficácia e de brevidade. O ensino do latim era então (e continuou sendo até ao séc. XIX) a tarefa mais importante, e certamente a mais onerosa, de toda a escolarização média, para esse efeito se produziam e se publicavam os (quase únicos) manuais escolares, entre os quais podemos incluir as gramáticas e os textos paragramaticais, as ortografias e ainda os dicionários.

O segundo objectivo — o ensino do português e do espanhol aos estrangeiros — constitui uma novidade no percurso editorial português. A aprendizagem das línguas modernas europeias manifestou-se de maneira incipiente, nos *Calepinos plurilingues* e nos pequenos dicionários coloquiais de bolso, dos viajantes, como o divulgadíssimo "vade-mecum" de Berlaimont, *Colloquia et Dictionariolum [plurium] linguarum*,¹ que reuniram uma espécie de vocabulário básico das várias línguas europeias.

Para o ensino do português a estrangeiros, a obra de Reboredo é a primeira publicada em Portugal.² Entretanto, haveria talvez mais interesse em facilitar um acesso, fundamentado na exemplificação escrita, ao castelhano que, durante a monarquia dual, exercida pela Casa de Áustria, entre 1580 e 1640, foi língua de dominação em Portugal e deu lugar a uma produção escrita considerável.

O empreendimento de Amaro Reboredo, a julgar pelo pouco sucesso editorial, não foi compensado pelos favores do público e não terá correspondido à sua generosa expectativa. Era uma proposta didáctica inovadora que deveria suscitar resistências por parte de uma tradição escolar certamente muito ritualizada. Por outro lado, Reboredo era um clérigo secular, e a sua obra aparecia fora da tutela das mais influentes instituições escolásticas do seu tempo. As Ordens religiosas, escolhiam os seus manuais escolares ou destacavam alguns dos seus membros expressamente para procederem à sua elaboração. Foi este o caso dos Jesuítas que planearam e promoveram a redacção e publicação de uma gramática latina (Manuel Álvares, 1572), de uma retórica (Cipriano Soares, 1564) e do mais importante conjunto dicionarístico da história do ensino português (Bento Pereira, *Prosodia* 1634 e *Tesouro* 1647). Estas obras preencheram de modo preponderante o universo escolar e cultural português durante cerca de dois séculos, informaram o discurso, a escrita, toda a produção literária e o percurso histórico da língua portuguesa.

Neste processo avulta a componente lexicográfica, na qual se integrou, sem destaque assinalável, a obra de Reboredo. O mercado escolar português dos sécs. XVI e XVII foi preenchido, com bem pouca

¹ Cf. RICCARDO RIZZA, et alii, *Colloquia et Dictionariolum Octo Linguarum - Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugallicae, Viareggio-Lucca, Mauro Baroni editore, 1996. Ed. crítica feita com base na ed. de Veneza, Tip. Juliana, 1656.*

² Mais tarde, em 1672, Bento Pereira publicaria, em Lyon, a primeira gramática da língua portuguesa para esse mesmo efeito, e em latim: *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda.*

variedade é certo, pelos dicionários reeditados de Jerónimo Cardoso, e de Bento Pereira e pelas edições singulares das obras de Agostinho Barbosa e de Reboredo.

O dicionário era a obra mais dispendiosa, no conjunto dos manuais escolares e a sua elaboração e produção autoral e tipográfica constituíam um acontecimento em que se implicavam e coalesciam factores pedagógicos, factores linguísticos, sócio-literários e ideológicos e também económicos.¹

A obra de Jerónimo Cardoso (c.1510-1569), composta por um conjunto de dicionários de português-latim (1562) e latim-português (1569), ocupou o espaço escolar em grande parte dos sécs. XVI e XVII. Foi objecto de mais de uma dezena de reedições que se prolongaram entre 1570 e 1695. Na oficina do mesmo Pedro Craesbeeck, em Lisboa, foram feitas as reimpressões de 1613, 1619, e 1630.

Agostinho Barbosa (1590-1649) publicou, ainda muito jovem, em 1611, um *Dictionarium Lusitanicolatinum* (Braga, Frutuoso Lourenço de Basto) em que a nomenclatura portuguesa se mistura ou se integra com numerosos sintagmas preposicionais que são alfabetadas como entradas, prejudicando a função hierarquizadora da ordenação alfabética.

Finalmente a obra de Bento Pereira, que reúne a *Prosodia* (1634) e o *Tesouro da Língua Portuguesa* (1647) completa o quadro da lexicografia escolar portuguesa, até aos meados do século XVIII, se exceptuarmos o *Calepino* de Amaro Reboredo e o *Vocabulário* de Bluteau que não pode ser considerado um texto escolar.²

Para além das obras destes autores (não tomamos aqui em consideração a actividade lexicográfica dos missionários que se intensificou no confronto com novas línguas, e que se repercutiu mesmo na lexicografia da língua portuguesa, como terá acontecido com a obra de Manuel Barreto (c.1561-1620), um *Vocabulario Lusitanico Latino*, elaborado no Japão, à volta de 1607, e que se guarda na Academia das Ciências de Lisboa, em 3 vols. manuscritos), devem ter sido muito utilizados em Portugal os dicionários provenientes do estrangeiro e especialmente o dicionário de *Latim-espanhol* de Nebrija e também as várias edições europeias do *Calepino*.

A obra de Amaro Reboredo não teve certamente um acolhimento significativo nos meios escolares. Nunca foi reeditada e não temos conhecimento de testemunhos que forneçam indícios de uma

¹. À luz desta perspectiva ampla se deverá, por exemplo entender o aparecimento do *Vocabulário* de Bluteau, que é um testemunho importante do tempo barroco e da conjuntura próspera de D. João V.

² Foram publicados outros textos de tipo lexicográfico de menor interesse linguístico e de reduzido âmbito pedagógico. Entre eles salientaremos os dicionários de nomes próprios de STOCKAMMER (editado em conjunto com a obra de Jerónimo Cardoso) e o *Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios* de Frey Pedro de POYARES (Lisboa, João da Costa, 1667) e ainda dois pequenos dicionários escolares, o *Index totius artis*, acrescentado a algumas edições da *Gramática* latina de Manuel Álvares, e o *Indiculo universal*, de Pomey, publicado pelos Jesuítas, sob a direcção do P. António Franco, a partir de 1716.

repercutida recepção. A estudada e original adequação pedagógica não terá sido suficientemente recomendada e patrocinada para poder concorrer com os manuais tradicionalmente adoptados, e as próprias escolas, os Jesuítas e outras instituições, terão naturalmente resistido à introdução de um modelo didáctico que se afastava da sua prática habitual de ensino, que era certamente muito normalizada. A já referida *Arte* de gramática latina de Manuel Álvares (1526-1583) usufría de um justificado prestígio, desde a primeira edição em 1572, e continuaria, em sucessivas reedições (anotadas, explicadas e acrescentadas com um locupletíssimo índice-glossário¹), a enquadrar a formação gramatical e metalinguística em geral, até à segunda metade do século XVIII.

A componente lexicográfica da obra de Reboredo sofria também de graves limitações na sua funcionalidade, oferecia uma informação muito implicada no conjunto do manual, especialmente nos exemplos das sentenças, para as quais remetia por um sistema de numeração, e deixava muitas entradas latinas sem a tradução equivalente em português. Além disso, como era um dicionário servido apenas pela alfabetação latina (latim-português, castelhano), ficava em desvantagem em relação à obra de Jerónimo Cardoso que oferecia num mesmo volume o latim-português e o português-latim.

Quanto ao acesso à língua castelhana não temos elementos informativos suficientes para avaliar do interesse que terá despertado. O convívio interlinguístico foi assíduo e muito produtivo, como já notámos, mas nada sabemos sobre a sua eventual escolarização. Os portugueses poderiam enriquecer e aperfeiçoar o seu castelhano nos dicionários espanhóis que circulavam normalmente em Portugal, sobretudo os de António de Nebrija. O acesso do português ao castelhano, quando houvesse necessidade de recorrer à intermediação lexicográfica, poderia fazer-se pelo latim. Nesta situação linguística, o dicionário mais necessário, o de primeira urgência, parece-nos que seria o de português-castelhano e é certamente por essa razão que Reboredo, no seu *Calepino*, e depois Bento Pereira, na *Prosodia* (nas edições do séc. XVII, até 1697), acrescentam algumas equivalências castelhanas - ambas as obras podiam dizer-se trilingues (latim-port.-espanhol), mas, em boa verdade, as indicações lexicais castelhanas eram raras e muito sumárias. Curiosamente, esta prioridade do português-castelhano não preocupa já Bluteau, quando em pleno séc. XVIII, publica um *Dicionário castelhano e português* (encadernado juntamente com o tomo VIII, do seu *Vocabulário português e latino*, Lisboa, Pascoal da Silva, 1721) destinado sobretudo aos espanhóis que quisessem aprender o português, em todo o caso, não deixa de acrescentar "una Tabla de palabras Portuguezas mas remotas del idioma Castelhana", em que se reúnem algumas

¹. António Velez (c.1545-1609) foi o colaborador de Manuel Álvares que se encarregou da adequação didáctica de algumas reedições da *Arte* e que lhe acrescentou o *Index totius artis*, pelo menos na sua primeira versão. A fortuna editorial, longa e copiosa, dos "Três Livros da Instituição de Gramática" (*Emmanuelis Alvari è Societate Iesu de Institutione Grammatica Libri Tres*) pode ver-se na *Bibliografia Geral Portuguesa*, século XVI, vol.III, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, INCM, 1983, p. 206-376)

centenas de formas portuguesas que divergem das castelhanas e dificultam a passagem interlinguística. Trata-se de uma tentativa de identificação do léxico contrastivo entre o português e o castelhano.

Não obstante o aparente insucesso do conjunto da obra de Reboredo, no seu tempo, não podemos hoje deixar de lhe fazer justiça, reconhecendo-lhe indiscutíveis méritos, reitegrando-o na memória linguisticográfica portuguesa e promovendo a sua releitura como património histórico da língua e da cultura. O compendio do *Calepino*, que é a parte que por agora especialmente nos interessa, é um texto documental que merece não ser ignorado, entre as fontes pouco estudadas da lexicografia e da história da língua portuguesa.

O título que inicia o dicionário, a páginas 35 do vol. II, esclarece alguns aspectos essenciais do seu perfil lexicográfico:

*Compendium Calepini, vel potius Thesauri Linguae Latinae cum interpretatione Lusitanica, & Hispanica omissis vocabulis quae rarius in usum vocantur.*¹

Trata-se portanto de um *Calepino* compendiado em que se omite o vocabulário menos frequente "rarius in usum". Deve assinalar-se esta perspectiva, relativamente saneadora, em relação aos limites da nomenclatura de um dicionário. A acumulação, motivada por um ideal de abundância, quase sempre sem crítica filológica, constitui um atributo primário e nem sempre recomendável, em toda a tradição lexicográfica. Não estamos em condições de propor uma avaliação bem fundamentada sobre a qualidade do "corpus" latino seleccionado por Reboredo, mas o critério da frequência é inteiramente justificado pela funcionalidade didáctica e foi inteiramente consagrado pela lexicografia moderna. O dicionário compõe-se de cerca de 15.000 entradas e subentradas, lastro quantitativo mais do que suficiente para um bom dicionário escolar de latim. A nomenclatura parece cuidadosamente escolhida e supõe um árduo trabalho do autor.

Entre o vocabulário dicionarizado, encontram-se ainda contextualizadas e acompanhadas da respectiva tradução em português e castelhano, nas "sentenças" da *Porta de Linguas*, 5.202 formas (segundo a informação do próprio autor, na última página do volume), para as quais remete por meio de uma anotação numérica, e que devem ser integradas na configuração lexicográfica idealizada por

¹. Este título vem antecipado com versão portuguesa e algumas indicações complementares na página de rosto do volume: *Raizes da Lingua Latina Mostradas em hum tratado e dictionario: Isto he, hum compendio do Calepino com a composição e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas*. Vem igualmente repetido no rosto do vol. da *Porta de Linguas* de 1623: *...raizes da [lingua] Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola*.

Reboredo.¹ Na primeira página do *Calepino*, na sequência do título, além das informações sobre alguns aspectos da descrição lexicográfica que nele se oferece, dá-se indicação sobre as remissões numéricas:

Voces in Sententiis Ianuae Linguarum collocatae suis numeris, ipsarum vocum, & ab illis colligibilium quantitas, & phrasis illustrior cum lima: simplicium compositio: primitivarum derivatio; necnon Nominum genera, Verborum praeterita, atque regimina breviter indicantur.

As 1200 sentenças da *Ianua Linguarum*, distribuídas em 12 centúrias temáticas (sobre as virtudes e os vícios, sobre o comportamento humano, sobre os artifícios ou as artes mecânicas, sobre assuntos vários ou indistintos, e até sobre a crítica "in zoylum"²) estão todas numeradas e sempre que uma entrada do dicionário está contextualizada numa sentença, traz indicação do respectivo número remissivo. Por exemplo, a entrada —*Mulier* - remete para a sentença nº. 206, consultando este número na *Ianua Linguarum*, encontramos o contexto seguinte:

Mulierem ornat taciturnitas,

com a tradução portuguesa e espanhola equivalentes:

O calár orna a mulhér

El silêncio adórna a la mujér (p.67-68)).

Além deste sistema remissivo, o dicionário fornece abundante informação gramatical: os enunciados flexionais das declinações e da conjugação verbal, a notícia do género, a indicação dos prefixos e sufixos; e, entre outros dados, marca a distribuição prosódica, recorrendo aos sinais diacríticos que se vulgarizaram na lexicografia moderna para anotar a quantidade breve e longa.

O trabalho lexicográfico de Amaro Reboredo não tomou o *Calepino* como fonte exclusiva, mesmo no que respeita ao léxico latino. Em certos artigos acrescenta frases modelos, sequências e alianças lexicais mais frequentes, séries de epítetos e abundantes acumulações sinonímicas e para-sinonímicas. Pode servir-nos de exemplo o artigo dedicado a *Epistola*:

"EPISTOLA,ae.f.624. *Carta missiva*. Hisp. *Carta mensagera*. Latini vocant literas, vel codicillos.

¹. Este sistema de remissões numéricas será retomado, dentro de uma lógica lexicográfica muito semelhante, na obra publicada sob o nome de de ARTUR BIVAR, *Dicionário geral e analógico*, Porto, edições Ouro, 3 vols. 1948-1958.

². As doze centúrias de *Sentenças moraes* têm os seguintes títulos:

1. De virtute et vitio in communi / Da virtude e do vício em comum; 2. De prudentia et imprudentia / Da prudência e imprudência; 3. De temperantia et intemperantia / Da temperança e destemperança; 4. De justitia et injustitia / De justiça e injustiça; 5. De fortitudine et imbecillitate / Da fortaleza e fraqueza; 6. De actionibus humanis / Das ações humanas; 7. De turbulentis et tranquilis / Das cousas que se fazem com ímpeto e com sossego; 8. De animatis et inanimatis / Dos viventes e dos não viventes; 9. De artificialibus / De cousas artificiais; 10. De indistinctis / De cousas indiferentes; 11. De indistinctis / De cousas indiferentes; 12. Sequitur discursus, ex verbis post sententias relictis compositus, in quo neque ullum verbum bis repetitur, neque est ullum vocabulum quod in mille et centum praecedentibus sententiis reperitur. In Zoylum / Segue-se um discurso composto das palavras deixadas depois das sentenças, no qual nem ainda hãa palavra se repete duas vezes, nem há algũa dicção que nas mil e cem sentenças precedentes se ache. Contra Zoilo, ou o invejoso.

Epistola familiaris, subtilis, insignis, intempestiva, longa, verbosa, brevis, pusilla, inanis, re aliqua utili, & suavi, recens, vetus:

epistolae quotidianae:

epistolarum crebritas, frequentia, fasciculus.

Illam scribere, inscribere, exarare, elucubrare, texere, efficere, elicere, alicui dare, committere, mittere, afferre, reddere, expectare, requirere, venire, accipere, complicare, obsignare, resignare, solvere, aperire, comprimere, conscindere, dilatare, emanare, exire:

epistolae respondere, rescribere, persolvere:

illâ lacessere, obtundere."

(Sentença) "624. Concerpsit epistolam signaturâ iam obsignatam." - "*Rompêo em pedâços a carta ja sellâda com o sello*" / "Rompió la carta ia sellada". (p.153-154)

Uma das suas fontes alternativas, entre outras, terão sido os dicionários de Ravisius Textor (1430-1524), especialmente *Epithetorum opus* que foi repetidamente editado desde o primeiro quartel do séc. XVI. Mas, fonte preponderante, além do *Calepino*, foi certamente o *Thesaurus* de Robert Estienne. A referência vem insinuada no próprio título:

Compendium Calepini, vel potius Thesauri Linguae Latinae .

Robert Estienne era um autor "damnatus", pela sua adesão ao calvinismo, e a sua difusão foi certamente condicionada. Em todo o caso, temos notícia de que o *Thesaurus* circulou com muito desimpedimento e foi usado e citado pelos estudiosos em Portugal, ao longo dos sécs. XVI, XVII e XVIII. Encontram-se, nas bibliotecas portuguesas, vários exemplares, ainda que alguns se encontrem riscados e mutilados, pelo mau uso dos leitores ou pelas injúrias censórias. Amaro Reboredo deve ter recolhido no *Thesaurus* as séries de locuções, de listas coocorrentes e de grupos de significantes sinonímicos ou analógicos que alargam inesperadamente um bom número de artigos.

A componente lexicográfica latina do dicionário de Reboredo é certamente mais meritória do que as equivalentes portuguesa e espanhola, no entanto, para nós, a documentação lexical referente à língua portuguesa é mais interessante. Convém esclarecer que, pelo espaço que lhe é dedicado, a língua portuguesa assume uma dimensão muito mais relevante do que a espanhola. Por outro lado, no respeitante à parte vernacular, este dicionário distingue-se dos outros *Calepinos* políglotas por uma informação sinonímica mais ampla e por um maior número de equivalências, sobretudo para o português. É certo que muitos artigos não apresentam a tradução portuguesa, traduzem-se apenas uma ou duas entradas em cada família de palavras, mas o autor privilegia essas entradas com um leque alargado de equivalências. O acesso à significação portuguesa, na perspectiva pedagógica do autor, deveria ser completado com a aprendizagem das 1200 sentenças, onde se oferecia o significado contextualizado, também em português de 5200 formas diferentes.

Para uma avaliação de alguns aspectos da informação lexical portuguesa, tomámos como exemplo um "corpus" do vocabulário moral, organizado por João de Barros, com 36 designações de virtudes e vícios.¹ Comparámos a tradução vernácula em João de Barros (1540) com a tradução de Jerónimo Cardoso (1569) e juntámos a informação que se recolhe em Amaro Reboredo que apresenta tradução quase exclusivamente para a forma equivalente de adjectivo. Acrescentam-se algumas informações complementares entre parenteses rectos, e nomeadamente os substantivos referentes a designações morais em português, que ocorrem no texto das *Sentenças* e não se encontram no *dicionário*..

¹.JOÃO DE BARROS, *Dialogo de preceitos moráes cõ prática delles, em módo de jogo*. Lisboa, Luís Rodrigues, 1540, fólhos 15v.,16 e 16v..

Latim	João de Barros	J. Cardoso	A. Reboredo
Adulatio	adulaçam	lisongearia	Lisongeiro (Adulator) [lisongearia]
Affabilitas	affabilidade	boa fala, cortesia	Affavel, cortês, bem fallado, brando na falla (Affabilis)
Ambitio	ambiçam	louuaminha, desejo de honrra	Ambicioso, cubiçoso de honras (Ambitosus) [ambição]
Arrogantia	arrogancia	soberba, presunçam, fantasia	Soberbo, que se attribue o que não tem, nem merece (Arrogans) [fantasia]
Auaritia	auareza	auareza, mezquindade	Avarento, cubiçoso (Auarus)
Audatia	ousadia	atreuimento, afouteza, ousadia.	Ousadia, atrevimento
Comitas	graziosidade	cortesia	Cortesania, humanidade, facilidade
Contentio	contençam	profia, requesta, briga	Entesar, enderençar, caminhar, ir, andar, contender, perfiar, pedir com instancia, pertender, procurar (Contendo) [perfia, briga]
Crudelitas	crueldade	crueldade	Cruel, duro, aspero, inhumano (Crudelis) [crueldade]
Dissimulatio	dissimulaçam	dessimulação	Dissimular, encobrir (Dissimulo) [dissimulações]
Fortitudo	fortaleza	fortaleza	Forte, valente, esforçado, robusto e por feroso, e rico usou Plauto (Fortis) [fortaleza]
Honoris vacuitas	sem honrra	—	Honra, dinidade, fermosura, observancia, louvor, gloria, ornamento, magistrado, premio (Honor)
Inflatio	presunçam	asopro, empandeiramento	Inchar, assoprar (Inflo)
Insensibilitas	insensibilidade	ho não sentir	*Insensibilitas ("Sensibilis: rarissimum est apud antiquos. Insensibilis. A Gell.") (vide infra: Temperantia) [destemperança]
Intemperantia	intemperança	destemperança.	Ira, agastamento, colera para tomar vingança [sanha]
Ira	ira	ira, sanha.	—
Irae vacuitas	sem ira	—	—
Iustitia	iustiça	justiça	Justiça (-Iustitia) ["Iustus, a,um. <i>Iusto, santo, igual; toma-se por assaz grande, mediocre, verdadeiro</i> "]
Liberalitas	liberalidade	liberalidade	Liberal, franco, nobre (Liberalis), [Hisp. <i>Liberal en el gasto, franco, magnifico, hidalgo</i>] [liberalidade]
Magnanimitas	mananimidade	grandeza do animo, animosidade	De grande animo, animoso (Magnanimus)
Magnificentia	manificencia	grandeza.	Magnifico, grandioso, liberal (Magnificus)
Malicia	malicia	malicia	Malino, malicioso (Malignus) ["Malitia,ae: fraus versuta, calliditas."] [malicia]
Mansuetudo	mansidam	mansidão	Manso (Mansuetus)
Modestia	modestia	vmildade	Modesto, temperado (Modestus) ["Modus, i.m.487. <i>Modo, maneira, razão, temperança, mediania, quantidade, medida.</i> "]
Mollicies	brandura	luxuria, brandura, molura.	["Mollities langor, inertia, ignavia"] [luxuria]

Prodigalitas	prodigalidade	ho muyto gastar	Prodigio, gastador (*Prodigus) ["Prodigitas. Lucil. Prodigentia,ae: idem. Tac. Prodigalitas, pro eodem, non legi."]
Prudentia	Prudencia	prudencia, sabedoria, discricam	Prudente, sabio (Prudens) [da prudencia e imprudencia]
Pusillanimitas	pusillanimidade	pouquidade do coração	cousa de pouco animo (Pusillanimus) [pusilanime]
Pusillitas	pouquidade	—	Pequeno de corpo (*Pusillus) ["Perpusillus" - não regista "pusillitas"].
Ruditias	rudeza	rudeza	Tosco, não lavrado, rustico, duro: toma-se por não ensinado, rude. (*Rudis), ["Ruditias, tis: pro ingenij infirmitas, & stupor, tempore Gothico natum est."].
Rusticitas	bruteza	rustiquidade /rusticidade, vilania.	Rustico, aldeão do campo. (Rusticus)
Scurrilitas	chocarraria	chocarrice, chacorrice.	Chocarreiro, lascivo.(Scurra, ae.m.679.)
Simplicitas	simplicidade	simpreza	simple, singello, sem dobrez, sem composição: toma-se por verdadeiro e puro. (Simplex)
Temiditas Temperantia	fraqueza temperança	couardia (timiditas) temperança	Temeroso, covarde, medroso (Timidus) temperança <i>cujas partes são continencia, clemencia, modestia.</i>
Veritas	verdade	verdade, certeza.	verdade

Entre outros aspectos poderão notar-se:

— A sensibilidade à pureza lexical do latim e a recusa do barbarismo (ver asterisco).

— Transferindo para o português a mesma perspectiva teórica, Reboredo, no respeitante às equivalências portuguesas, parece valorizar as formas da tradição vernácula.

— Um aspecto interessante para o reconhecimento do léxico português recolhe-se da cultivada acumulação sinonímica e do alargamento do âmbito de correspondências semânticas, como se pode também observar pelos exemplos seguintes:

- Affabilis Affavel, cortês, bem fallado, brando na falla.
- Comitas Cortesania, humanidade, facilidade
- Contendo Entesar, endereçar, caminhar, ir, andar, contender, perfiar, pedir con instancia, pertender, procurar
- Crudelis Cruel, duro, aspero, inhumano
- Fortis Forte, valente, esforçado, robusto e por fermoso, e rico usou Plauto.
- Honor ... Honra, dinidade, fermosura, observancia, louvor, gloria, ornamento, magistrado, premio
- Ira Ira, agastamento, colera para tomar vingança.
- Iustus, a,um. Justo, santo, igual; toma-se por assaz grande, mediocre, verdadeiro
- Liberalis Liberal, franco, nobre. [Hisp. *Liberal en el gasto, franco, magnifico, hidalgo*].
- Modus, i.m.487. Modo, maneira, razaõ, temperança, mediania, quantidade, medida
- *Rudis Tosco, não lavrado, rustico, duro: toma-se por não ensinado, rude. ["Ruditas, tis: pro ingenij infirmitas, & stupor, tempore Gothico natum est."].
- Rusticus Rustico, aldeão do campo.
- Scurra, ae.m.679. Chocarreiro, lascivo.
- Simplex simple, singello, sem dobrez, sem composiçaõ: toma-se por verdadeiro e puro.
- Timidus Temeroso, covarde, medroso.

Eloquentes, a este propósito, são ainda os exemplos de "Author" e "Authoritas"

— Author, oris. m. 457. *Autor que dá autoridade a algũa cousa, conselheiro, inventor, capitão, príncipe, ajudador, mestre, escritor*, Hisp. *Autor*, &c. Aliqui scribunt, Auctor, ab Augeo; aliqui, Autor. Authorem sequi, esse alicui, alicujus rei, habere idoneum rei faciendae.

— Authoritas, tis. *Aquella eminencia alcançada per bondade, sciencia, idade, merecimentos, poder, e a consideraçaõ, vigor, fé, opiniaõ, juizo.*

A dicronia lexical encontra atestação abundante na obra de Reboredo. Citaremos um exemplo que nos parece esclarecedor. Trata-se do subsistema lexical das estações do ano, que sofreu em português uma alteração entre os sécs. XVI e XVII.¹ O dicionário regista a forma "primavera" que é uma importação poética do séc. XVI, a partir do italiano. O termo aparece todavia em sobreposição com "verão". Por sua vez a designação "estio", que vai apagar-se entre a nomenclatura das estações do ano, surge ainda a

¹. Este tema foi abordado pelo Prof. Paul Teyssier nos seminários (inesquecíveis) de pós-graduação leccionados na Sorbonne (Paris IV) nos primeiros anos da década de 80.

traduzir o latim "aestas", mas vem acompanhada por "verão", sugerindo uma equivalência significativa e uma duplicação nomenclatural que vai facilitar o processo de reformulação do sistema.

- Ver, veris. n. 143. *Verão, primavera, isto he, Março, Abril e Maio.*
- Aestas, tis. f. 162. *Estio, veraõ, tempo de calmas. como Junho, Julho, Agosto: antigamente seis meses comprehendia.*
- Autumnus, i. m. 835. *Outonno: que são tres meses Setembro, Outubro, Novembro.*
- Hyems, emis. f. 781. *Inverno: que he Dezembro, Janeiro, e Fevereiro.* ¹

Em textos do séc. XV, desconhece-se o termo "primavera" e os quatro "tempos do ano" são enumerados, sem qualquer hesitação, com a seguinte nomenclatura: o verão, o estio, o outono e o inverno". ² Ainda na segunda metade do séc. XVI, no *Catecismo* de Frei Bartolomeu dos Mártires se lê: "O anno repartese em quatro tempos. s. Inuerno, veram, estio & outono, & cada hum destes tempos tem tres meses." ³

Para além da pouca notícia, da ausência de reedições, e da quase certa ausência de aceitação nas instâncias escolares, a obra lexicográfica de Amaro Reboredo não terá, em todo caso, passado em vão pela história do ensino do latim e do português, e também não pode ser ignorada a sua presença e influência na tradição dicionarística portuguesa. Precedeu e sem dúvida nenhuma influenciou a *Prosodia* de Bento Pereira publicada cerca de dez anos mais tarde. Por outro lado, trouxe ao espaço lexicográfico português aspectos interessantes da informação lexical e linguística em geral de obras essenciais da produção lexicográfica europeia. Os textos de Reboredo constituem uma espécie de lugar de encontro e de síntese de uma instruída tradição lexicográfica em que se distinguem os nomes de Ambrósio Calepino (e dos seus muitos e eruditos continuadores), de Ravisius Textor, de Robert Estienne, de William Bathe e certamente de outros autores cujas obras eram já conhecidas e utilizadas em Portugal, mas em âmbitos de circulação muito reduzidos, e sem a adaptação funcional que o nosso pedagogo lhes propiciou.

¹. Estes termos estão contextualizados na *Porta de linguas*:

143 Vnica hirúndo non facit ver

- Hũa sô andorinha não faz veraõ / Vna golondrina no haze verano. p. 58-59

162 In aestate praesertim compónite nidos

- Compónde os ninhos principalmente no estio / Componed principalmente en el estio los nidos. p. 60-61

781 Hyeme arbustorum ornamenta décidunt

- No invérno cahem os ornamentos dos arvoredos / En el invierno todo el ornato de las arboledas se cae. p. 188-189

835 Colónus in autúmnum coacérvat coenum

- O lavradór amontoa, ou ajunta o estérco para o outonno / El labrador amontona el estiercol para el otõño. p. 202-203

². Cf. por exemplo, ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Pseudo-Aristóteles - Segredo dos Segredos*, Lisboa, Fac. de Letras, 1960, ps. 34 e 45.

³, *Catecismo ou doutrina Christã & Praticas spirituaes. Ordenado por Dom frey Bartholameu dos Martyres*, Lisboa, Marcos Borges, 1566. fol. LXXXII